

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamily Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA

Kamilly Souza do Vale¹

Ao pensar sobre a possibilidade de relacionamento, cada um deveria se fazer a seguinte pergunta: Você crê que seria capaz de conversar com prazer com esta pessoa até sua velhice? Tudo o mais no casamento é transitório, mas as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar

Friedrich Nietzsche

Os sentidos que norteiam o desejo de pesquisar relacionamentos conjugais resultam de uma preocupação profissional em alcançar modos de intervenções que rompem com a dimensão dicotômica de compreender esse fenômeno, bem como da relevância social, diante de várias alterações nos cenários que compõem a conjugalidade. Dentre outros estranhamentos, a ausência de cuidado tem reduzido a comunicação íntima entre os casais, podendo acionar práticas relacionais de violência (em várias modalidades) por ambos os cônjuges.

Parte dos achados discutidos neste capítulo são resultantes da pesquisa de doutorado realizada no período de 2014 a 2018, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação da professora Adelma Pimentel. A tese versou acerca de uma intervenção gestáltica para manejo de atendimento a casais em situação de violência conjugal. Os pontos analisados foram o cotidiano da união; as expectativas de cada um antes do casamento; os conflitos e o modo de sua resolução; a relação do casal com os filhos, com suas famílias de origem; e, principalmente, o motivo pelo qual se mantinham casados.

As informações cotidianas relatadas na imprensa escrita ou televisada, nas mídias sociais e os dados alarmantes de altos índices de violência conjugal me atravessaram e atravessam como mulher e profissional e impulsionam meu desejo de oferecer, por meio da minha prática e estudos, reflexões e estilos de intervir, a partir da Gestalt-terapia, com o objetivo de colaborar com questões que envolvam os conflitos conjugais. Registro que não tenho a pretensão utópica de que o debate e as intervenções apresentadas aqui deem conta total da complexidade do fenômeno e tenho clareza da necessidade de que tais reflexões aconteçam em diferentes campos de atuação.

1. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP 10/02310). Doutora em Psicologia (Universidade Federal do Pará). Professora, supervisora clínica e coordenadora do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (GEGT-Belém)

Considero insuficiente a crença de que é possível compreender a dinâmica de um casal apenas a partir de características ou informações individuais de cada um de seus membros, sendo fundamental compreendê-la a partir do modo de funcionamento que é específica para cada relação. Dessa forma, faço uso dos estudos de gênero e do aporte teórico da Gestalt-terapia para tecer reflexões direcionadas à comunicação dialógica como uma das ferramentas possíveis no trabalho psicoterapêutico com casais.

1 | OS IMPACTOS DAS QUESTÕES DE GÊNERO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Ao refletir sobre os aspectos que englobam a relação conjugal, é fundamental compreender inicialmente o modo como os processos de subjetivação “masculina” e “feminina” são construídos socialmente, bem como incluir a noção de que a conjugalidade requer o encontro de duas pessoas (fazendo o recorte do modelo monogâmico) e se configura como um lugar de construção de sentimentos, expectativas e idealizações. Para Zinker (2001, p. 75), o “casal é uma unidade social, cultural e econômica da comunidade”.

Pondaag (2009) refere que a maneira como as mulheres são socializadas perpassa pela transmissão de atitudes e valores atribuídos à maternidade, como, por exemplo, o cuidado ao outro. Em contrapartida, para os homens, a orientação é dirigida ao reconhecimento e desenvolvimento de um lugar de poder.

Destacamos o papel fundamental da mídia como uma tecnologia de gênero que gera e propaga os sentidos determinantes e representações sociais diferenciadas da forma como os gêneros – feminino e masculino – são vistos pelos indivíduos. A disseminação em massa e o contato excessivo com tais tecnologias, como filmes, músicas, publicidade etc. provoca um impacto que repercute na sociedade descontinuidades, fragmentações, rupturas e deslocamentos, tornando-se primordial que novos modos sejam apresentados e construídos (LAURETTIS, 1994; GHILARD-LUCENA, 2008; MONTEIRO; ZANELLO, 2014).

Integro a esta reflexão a importância do papel da família como fundamental na transmissão de valores e normas culturais. É na família que são ensinados papéis aprovados culturalmente, reforçando estereótipos e reagindo a eles através de expectativas para ambos, produzindo, assim, o garoto/homem e a menina/mulher (GOODRICH, 1990).

Na tentativa de desconstrução de processos binários que reproduzem atitudes essencialmente femininas ou masculinas, as teorias feministas buscam arregimentar um conjunto de práticas e atores em favor da igualdade política e de direitos entre homens e mulheres, reivindicando, por exemplo, direito ao voto, ao livre exercício de atividades laborais, bem como reformular a organização da sociedade patriarcal, oportunizando um novo olhar sobre a mulher e mudanças no paradigma familiar (VALE, 2018).

O termo *papéis de gênero* foi proposto por John Money em meados de 1955, contudo, o conceito trazia uma conotação “essencialista”, que avançava na diferenciação sexo-gênero, mas, se detinha na problemática de homens e mulheres brancos. Robert

Stoller (1968) iniciou estudos sobre subjetividade, dando início a pesquisas que incluíram as diferenciações sexo, gênero, raça e classe, levando em consideração o multiculturalismo e a não universalidade dos sujeitos (PIMENTEL *et al.*, 2010).

A ideia de *engendramento* proposta Lauretis (1994) permite pensar gênero como relações de/entre sujeitos engendrados, além de acercar-se da multiplicidade, do contraditório, do complexo e heterogêneo. Para essa autora, as mulheres se situam tanto dentro quanto fora do gênero ao mesmo tempo, dentro e fora da representação. Partindo dessa premissa, considero fundamental incluir os estudos das “masculinidades” para fortalecer o debate aqui apresentado. Tais reflexões se inserem numa tentativa de favorecer questionamentos e romper com teses essencialistas e universais de que a mulher teria uma “natureza” e seria subjugada ao homem.

Para Braz (2005), o processo de subjetivação masculina se constrói alicerçada na complexidade das culturas que criticam e estimulam a manutenção das desigualdades intra e entre gêneros, pautando-se na força, no domínio e no machismo, o que se configura como uma masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; GROSSI, 2004; WELZER-LANG, 2001), vista como uma oposição ao feminino e uma universalização dominante nas relações entre homens e mulheres.

Corroboro com a premissa proposta por Heilborn e Carrara (1998), de que homens podem vivenciar a diversidade nas “masculinidades”. Tal conceito possibilita uma análise mais integradora do processo de constituição da subjetividade do indivíduo.

Para a Gestalt-terapia, a concepção de gênero está alinhada ao entendimento de que homens e mulheres são construídos culturalmente, inseridos num campo existencial e de que precisam ser compreendidos a partir de uma dimensão holística e não binária (ROCHA, 2005; VALE, 2018).

Ressalto que, mesmo com várias conquistas dos movimentos feministas, ainda nos deparamos, no Brasil, com desigualdades de gênero marcantes, que suscitam as diferenças na tentativa de formar sujeitos desiguais (PASSOS, 2008). Desse modo, as relações conjugais precisam enfrentar esses desafios, na tentativa de se manterem como um dos arranjos possíveis, permanecendo alguns valores tradicionais simultaneamente com as mudanças e as transformações apontadas.

Ao fazer um apanhado histórico do modo como as relações conjugais foram construídas, Féres-Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) localizam que, nos séculos XVI e XVII, o marido tinha um papel bem definido e ocupava uma posição de superioridade, sendo o responsável por todas as deliberações que permeavam a vida a dois. Essa definição de papéis era bem demarcada e diferenciada: o homem provedor do lar e a mulher responsável pela casa e pelos cuidados com os filhos. Os casamentos eram arranjos que levavam em conta as heranças e as linhagens familiares.

É a partir do século XVIII que os sentimentos passam a ser valorizados em detrimento dos aspectos financeiros e/ou dos desejos impostos pelos pais, sendo apenas no século

XIX que o amor conjugal se torna um atributo valorizado e é incorporado à conjugalidade (FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007).

O casamento por livre escolha, por amor, é uma possibilidade que só aparece com a transformação do mundo tradicional em capitalista. Surge em circunstâncias nas quais a família se constitui em unidades distintas das unidades econômicas que eram (D'NICAIO, 1996, p. 67).

Contudo, vale ressaltar que, até a década de 1970, o marido ainda se mantinha como o chefe da família e detinha total poder, sendo os bens da mulher ainda administrados por ele, e, ainda hoje, é possível encontrar modelos conjugais alicerçados sob esta égide.

Em adição, Féres-Carneiro (1998) e Jablonski (1998) apontam que o desejo de encontrar alguém para vivenciar uma relação conjugal e a forma como se mantém os laços afetivos são influenciados pelas informações que os indivíduos recebem durante toda sua vida, aliadas aos contextos socioculturais em que vivem, podendo significar, também, uma busca de reconhecimento e valorização social.

Para Trigo (1989), a expressão do amor pelo indivíduo está intimamente relacionada à cultura de cada época, ao grupo social no qual está inserido, sendo perceptível através da palavra e das imagens oferecidas por essa cultura.

O convívio grupal é regido por normas que visam estabelecer os papéis e as relações sociais, visto que é nos vínculos e nos grupos que os indivíduos percebem-se fazendo parte de uma sociedade, sentem que existem e constituem sua identidade.

Desse modo, um novo sentido é vivenciado nas relações conjugais em virtude da proximidade, intimidade e do intenso envolvimento afetivo, no qual a satisfação sexual, o prazer e o amor são pontos fundamentais para a constituição do relacionamento.

Para Mello (2005), duas características marcam a construção da família conjugal moderna. A primeira refere-se à afirmação da individualidade dos sujeitos na escolha de seus cônjuges, levando em conta os ideais do amor romântico; e a segunda seria uma maior independência dos novos casais em relação à sua família de origem.

Outro fator observado é o paradoxo entre a necessidade de estar com o outro e o desejo de preservar a individualidade, fenômeno bastante estudado nas pesquisas sobre o casamento (FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007; JABLONSKI, 1998; SILVEIRA, 1998).

Segundo Cardella (2009), tal paradoxo é o grande desafio da conjugalidade na atualidade, já que o senso de separação possibilita o senso de união e vice-versa. Refere que é comum na contemporaneidade os casais vivenciarem uma ansiedade entre a vida a dois e seus desejos individuais.

A forma como cada um lida com as diferenças do outro e com os conflitos oriundos da relação depende da história de vida dos mesmos, visto que os modos de passar por essa experiência podem se configurar como uma escolha saudável ou não saudável.

As pesquisas na área da conjugalidade já apontam, há algum tempo, para a

necessidade de mulheres e homens reconfigurarem suas relações, tanto em termos objetivos quanto subjetivos. O cenário configura-se com grandes modificações de valores, de comportamentos e de identidades, desencadeando novos tipos de relacionamentos, muito mais efêmeros, frágeis, superficiais, ausentes de cuidado ao outro, e que podem incluir a violência (FRAZÃO; ROCHA, 2005; LINO, 2009; VALE; PIMENTEL, 2012).

É fato que, a despeito do que ocorre no namoro, durante o casamento, acontecem mudanças na relação, dentre as quais: a dificuldade de corresponder às expectativas do outro; a desconstrução das idealizações sobre a vida conjugal; as demandas geradas com a chegada dos filhos; e a comunicação estabelecida entre o casal, que tende a mudar, à medida que novos papéis são inseridos na vida de ambos (VALE, 2011).

Diante desse contexto, a dinâmica familiar, com toda a complexidade inerente às relações humanas, reverbera na maneira como seus membros interagem. A inclusão de todas essas demandas e expectativas que envolvem morar juntos, incluindo as limitações e inabilidades de cada um, exige um esforço daqueles que compõem os laços conjugais (FALCETO; VALDEMAR, 2001; LINO, 2009). Essas expectativas são comuns, mas, são permeadas por uma idealização excessiva, configurando-se como uma demanda inalcançável, o que sobrecarrega e desgasta a relação. A organização de todas essas necessidades requer mudanças.

Diante dos cenários apresentados, pensar a conjugalidade e o casal na contemporaneidade requer a compreensão da importância de ambos construírem um projeto conjugal comum, sem a necessidade de anulação do outro e/ou de que este seja detentor de suas idealizações e expectativas, já que “a intimidade transcende as complementaridades, as competições pelo poder, os idealismos, as insatisfações, a autossuficiência, as dependências e o individualismo” (CARDELLA, 2009, p. 42).

2 | O MANEJO CLÍNICO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA

Minha atuação clínica enquanto Gestalt-terapeuta encontra ecos em uma prática que engloba aspectos contextualizados na dimensão política, social e feminista. Dar suporte, orientação e buscar ressignificar o potencial daqueles que vivenciam o sofrimento psíquico é o objetivo principal da clínica que exerço. Empoderar mulheres e homens em suas relações, favorecendo aspectos de autocuidado e cuidado ao outro, confirmando-se enquanto pessoa, reconhecendo-se e, assim, reconhecendo o outro é mote fundamental do meu trabalho.

A Gestalt-terapia tem como princípio básico suscitar a reflexão sobre as coisas que estão dadas, ou seja, aquilo que é concebido como natural e imutável, compreendendo o sujeito como criativo e capaz de fazer modificações em sua relação com o meio (MESQUITA, 2011). Esta abordagem se insere no campo das psicoterapias humanistas, fazendo parte da chamada “terceira força” das linhas psicológicas, surgida nos anos 1950.

Com uma proposta diferenciada das práticas psicoterapêuticas vigentes na época, a teoria, inicialmente pensada por Fritz Perls, traz como enfoque inovador para o período a noção de campo (NASCIMENTO; VALE, 2013).

Entende-se por campo “uma totalidade de fatos existentes, que são concebidos como mutuamente interdependentes” (LEWIN, 1965, p. 269), onde a inter-relação que ocorre no meio permite a construção e a modificação do mesmo como um todo, no sentido de uma dinâmica entre as partes deste e o campo que as constituem, haja vista que “o sentido das coisas está na totalidade da coisa, na medida em que são percebidas pela nossa consciência” (RIBEIRO, 2006, p. 85).

Nos últimos anos, pesquisas vêm sendo realizadas, contribuindo com a atualização teórica e metodológica da abordagem gestáltica (ALVIM; CASTRO, 2015; HOLANDA, 2012; ROBINE, 2006). Os autores integram o uso da teoria da complexidade (MORIN, 2011) como propostas de reconfiguração dos conceitos de alteridade, cuidado e subjetividade.

Um dos resultados da abordagem da complexidade é que os sujeitos, ao buscarem a clínica (seja ela no âmbito privado ou no âmbito público), trazem, de certa forma, um desafio ao psicoterapeuta, que precisa estar presente nesta relação, valorizando o aprendizado de estar com o outro, caminhando no sentido do crescimento enquanto pessoa e entendendo que estamos em constante construção diante de escolhas (CARDELLA, 2014; FARIA, 2014), para, além disso, ter clareza de que, ao fundamentar a prática considerando a epistemologia de campo, estamos implicados nesse processo. Robine (2015, p. 118) aponta que...

Cada interação é, portanto, um fechamento progressivo ao mesmo tempo em que é uma abertura as possibilidades. Nossa responsabilidade de terapeutas se impõe, portanto, na escolha das palavras e das representações que manejamos na relação, na escolha da lógica, ainda que implícita, que organiza nosso pensamento e nossas respostas.

Essa atuação inclui não apenas a utilização de técnicas, mas, o aprimoramento do autoconhecimento do próprio terapeuta em sua psicoterapia e, principalmente, uma concepção de clínica engajada, constituindo-se enquanto um lugar de experimentação do vínculo e do pertencimento, onde ambos implicam-se no processo e buscam um diálogo transformador (ALVIM; CASTRO, 2015; ROBINE, 2015).

Através da experiência vivenciada pelo sujeito, a criatividade do psicoterapeuta contribui para o desenvolvimento do manejo, já que, desde o início do processo, é possível estabelecer um vínculo, cabendo ao psicólogo ampliar seus conhecimentos e abrir possibilidades de atuação, a partir da demanda trazida pela pessoa. A Gestalt-terapia permite ao psicoterapeuta trabalhar livremente sua criatividade, pautando sua atuação na ética e levando em consideração que o contato com a pessoa se dá no entendimento de que ambos (psicoterapeuta e cliente) são sujeitos que compõem uma relação (ZINKER, 2007; LIMA, 2009).

Para além do uso da criatividade como recurso de atuação clínica, compreendo que o objetivo do ato terapêutico é reintegrar o potencial criativo do sujeito. Robine (2006, p. 38) revela que, como psicoterapeuta, importa “[...] restaurar a capacidade criativa do indivíduo, ou seja, a capacidade de criar sua vida como se estivesse criando uma obra de arte, mais do que criar um sintoma ou um sofrimento”.

Assim, pensar a clínica na contemporaneidade é romper com a lógica biomédica dominante que engessa a prática psicoterapêutica, afastando-se do enfoque individual, solipsista e voltado unicamente para análises patologizantes. É necessário realizar uma clínica que leve em consideração o social e os aspectos mais concretos da situação humana, provocando uma ação transformadora (ALVIM; CASTRO, 2015; PIMENTEL, 2011; ROBINE, 2015).

O manejo clínico está presente em diversas modalidades de atuação da prática psicoterapêutica com intervenções específicas, dentre elas: o plantão psicológico, aconselhamento, psicoterapia de curta duração, orientação psicológica *online* e grupos.

Na busca por referencial de atuações voltadas para família, casal e grupos, Silveira (2005, 2016) aponta a perspectiva de a intervenção ser sustentada sob o viés gestáltico, sem a necessidade da correlação com o ponto de vista teórico da abordagem sistêmica (TELLEGEN, 1984).

Conceitos como Campo Organismo/Meio, Gestalt, Totalidade, Contato, Fronteiras de Contato, Ajustamento Criativo, Situação Inacabada, entre outros oferecem os recursos necessários para sustentar o trabalho terapêutico com casais e com famílias. Ademais, a utilização do método fenomenológico destacando a importância da experiência presente facilita que a família ou o casal experimente no setting terapêutico suas possibilidades e seus entraves (SILVEIRA, 2005, p. 4).

Corroboramos com a proposta de Silveira (2016), visto que os conceitos gestálticos, claramente, são formas de compreender e dar suporte ao trabalho de psicoterapia com casais. Assim, para a construção do manejo clínico, faço uso da noção de campo, de contato (fronteiras de contato e evitações) e *awareness* como aporte para a fundamentação da atuação clínica.

O processo psicoterapêutico com casais requer intervenções fundamentadas no entendimento da totalidade que envolve a dinâmica das relações, favorecendo o surgimento da resolução de situações inacabadas que geram tensão na relação dos membros. Sob a perspectiva de Pimentel (2011, p. 67), a psicoterapia breve com casais...

[...] é um dos procedimentos que integram o processo permanente de socialização secundária, isto é uma ferramenta de que a clínica social engajada dispõe para reconstruir as relações de gênero e intragênero com novos signos positivos, que transcendam o masculino e o patriarcado.

Para tal, é necessário possibilitar a percepção dos aspectos nos quais há contato,

conjuntamente à tomada de consciência das evitações, bloqueios e resistências, para que possam buscar novas formas de atuação no campo, atualizando a forma repetida e obsoleta de relacionar-se (SILVEIRA, 2007).

Na modalidade de psicoterapia breve, é fundamental estar atento para aquilo que acontece na experiência imediata, principalmente, da relação que está sendo construída de forma clara e direta, percebendo o suporte interno do sujeito para vivenciar situações que possivelmente emerjam enquanto figura (RIBEIRO, 1999; PINTO, 2009). Segundo Pinto (2009), os objetivos da psicoterapia breve são: retomar o equilíbrio pré-existente; superar crise recente e sintomas; facilitar mudanças; melhorar o diálogo “eu-mim”; e ampliar o campo de consciência.

No caso específico do trabalho com casais, é importante dar atenção para aquilo que funciona para cada casal e quais os modos de se relacionar entre ambos. Para tal, é importante inicialmente ouvir livremente aos mesmos. Como afirma Zinker (2007, p. 187) acerca da postura do clínico diante do casal, “como terapeutas, precisamos observar e ouvir por tempo suficiente e experienciar o que está acontecendo com o casal para podermos obter dados suficientes sobre o seu processo e criar intervenções apropriadas ao seu dilema”.

Durante o manejo, utilizo recursos para, em alguns momentos, facilitar o processo de percepção dos casais e de tomada de consciência dos mesmos. Em Gestalt-terapia, tais recursos são nomeados como “experimentos” e não se resumem a um amontoado de técnicas a serem aplicadas por si sós; pelo contrário, os experimentos surgem na relação, sendo a vivência deles uma oportunidade nova, um evento novo, não só para a pessoa que o realiza, como, também, para o psicoterapeuta (ZINKER, 2007). Pode ser algo desenvolvido durante a interação, como dramatização, pintura, mudança de papéis, caixa de areia, colagem, linha da vida do relacionamento conjugal..., ou a utilização de um instrumento, como um filme, um texto, um vídeo, imagens etc.

O ponto fundamental é que a tarefa não seja previamente pensada e uma obrigatoriedade a ser cumprida, sendo apenas um pretexto para a realização da mesma e a chance de entrar em contato com o novo. O importante é focar no que pode, em alguns momentos, impedir a realização da tarefa (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951) – ou seja, o modo como as pessoas a realizam, o que sentem ao realiza-las, quais as mobilizações que surgem no decorrer desse processo e, principalmente, qual aprendizado tiram da vivência dessa situação.

Zinker (2007, p. 141) afirma sobre o experimento que este é “[...] a pedra angular do aprendizado experiencial. Ele transforma o falar em fazer, as recordações estéreis e as teorizações em estar plenamente presente aqui, com a totalidade da imaginação, da energia e da excitação”. A realização do experimento favorece que a pessoa se explore de forma ativa, conduzindo a experiência, sem julgamentos ou racionalizações, já que tal situação oportuniza o contato com o sentir.

Desse modo, compreendo que a psicoterapia gestáltica com casais é uma estratégia que beneficia a compreensão do campo afetivo de homens e mulheres que vivenciam relacionamentos conjugais (ou não). Assim, num fluxo contínuo de movimento, já que as subjetividades são construídas, não estáticas e transformam-se, a comunicação estabelecida entre o casal se configura como um fator fundamental para a facilitação dos processos que envolvem a dinâmica conjugal.

3 | A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Acerca da comunicação, Ultramarini (2009) marca a importância que tal ação desempenha nas relações conjugais, que é o revelar-se ao outro. Esta exposição faz com que se nutra a confiança entre as pessoas, entretanto, ao mesmo tempo em que aproxima, a comunicação pode ser usada como ferramenta de afastamento do casal, através de palavras, gestos ou expressões.

Compreendo que as diferenças e conflitos precisam ser cotidianamente dialogados para evitar que se transformem num abismo intransponível entre os parceiros. É consenso entre autores (FALCETO; VALDEMAR, 2001; DINIZ, 2009, CARDELLA, 2009) que, no momento das crises conjugais, é fundamental o uso de estratégias funcionais de comunicação e negociação para a resolução de conflitos. Sobre esse aspecto, Cardella (2009, p. 57) pontua que...

Alguns casais se comunicam muito bem sexualmente, mas têm dificuldades em se fazer compreender quando conversam e se defrontam com diferenças. Outros sabem conversar por horas a fio, mas seus tabus e conflitos sexuais os impedem de se entregar nessa dimensão da relação.

Desse modo, assinalo que não considero apenas a palavra falada como comunicação, e sim, um conjunto de atitudes que, somado à verbalização, configuram esse conceito; são elas: as ações, os olhares, o que não é dito e a capacidade ou não de escuta ao outro, o cuidado e a horizontalidade no diálogo.

No entanto, as relações atuais, de um modo geral, tendem a não valorizar a escuta. Em minha prática clínica, observo esta como a maior dificuldade entre os casais, sendo que a variabilidade de interferências e de distorções aumenta em virtude do significado pessoal que é dado, tanto por quem comunica quanto por quem recebe a comunicação.

Dialogando com essa perspectiva, Ribeiro (2013) revela outras formas de interferência que podem ocorrer através da incoerência entre a palavra comunicada e a expressão, gesto ou atitude, ou quando a pessoa só se utiliza de sua percepção, não levando em consideração o sentido do outro, tornando uma via unilateral e fragmentada. Outra ingerência geralmente se dá quando a pessoa que comunica vivenciou sensações ansiogênicas em relação à expressão de sua forma de pensar e sentir, visto que, no ato de comunicar, nos deparamos, com o risco da não aceitação e do abandono.

Para Zinker (2001), o acúmulo de situações não esclarecidas e não ditas tendem a provocar a sensação de insatisfação, o que ocasiona um fechamento ao diálogo e interrompe a comunicação saudável entre o casal. Nesse contexto, a chance de alcançar um diálogo satisfatório está comprometida e se torna um paradoxo: de um lado, há o medo da não-aceitação, e, de outro, o descontentamento da expressão não espontânea, remetendo a ressentimentos, frustrações e desilusões.

Ressalto a importância da flexibilidade dos limites estabelecidos para que haja espaço para uma comunicação entre ambos. Como diz Cardella (2009, p. 47), “Relações lapidam nossas potencialidades para transformá-las em realizações e capacidades. É no atrito, no conflito, no confronto com a diferença que tal lapidação se dá”.

Em Gestalt-terapia, o conflito é aquilo que causa uma mobilização no campo e impede a emergência de uma figura seguinte nítida e vívida. Dialogando com a temática, acredita-se que este impedimento se dá quando há uma rigidez na fronteira, a qual gera uma barreira no fluxo de interação entre o casal (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Estudando relações entre a violência psicológica que ocorre entre casais, praticada por meio da linguagem verbal, e a intervenção psicoterapêutica breve, Pimentel (2011) usa o verbo desestruturar enquanto elemento motivacional, energia para encarar as divergências entre os sujeitos; a satisfação de necessidades básicas (amar, alimentar, dormir etc.) e ir além de uma educação pautada em dualismos.

Para a análise de relações afetivas, criativas ou adoecidas, consideramos que a filosofia do diálogo encontrada na obra EU-TU de Buber (1981) pode nos oferecer algumas pistas. Para o autor, a relação humana pode ser fundamentada em duas atitudes: a dimensão Eu-Tu e a Eu-Isso. Duas formas que permitem encontrar o outro na relação de maneiras diferenciadas e complementares, sendo a primeira permeada pelo respeito à singularidade do outro em sua realidade existencial e realizada no encontro; e a segunda, entendida como uma relação na qual o outro é percebido como um meio para alcançar um objetivo, um fim.

A alternância rítmica dessas dimensões compõe a expressão da intersubjetividade, cuja fundamentação é o diálogo (HYCNER, 1995). Buber (1981, p. 53) afirma que há três formas de diálogo: 1) o autêntico, em que cada um se volta com a intenção de estabelecer uma reciprocidade viva; 2) o técnico, movido unicamente pelo entendimento objetivo; e 3) o monólogo, disfarçado de diálogo, em que cada um fala consigo mesmo. Geralmente, no início do processo psicoterapêutico com casais, é possível perceber que os casais realizam o monólogo ao invés do diálogo.

Uma consequência das reflexões buberianas para a *ressignificação* das interações entre homens e mulheres é configurar a superação da assimetria sexual, que marca as relações de gênero.

Para alcance de tais objetivos, faço uso de recursos básicos de trabalho com

grupos em Gestalt-terapia, propostos por Zinker (2007) e que são também utilizados no manejo com casais para colaborar com uma comunicação mais fluída. São eles: 1) falar em primeira pessoa (para evitar generalizações); 2) responsabilizar-se por si; 3) compartilhar a experiência vivenciada no aqui-agora ao estar no grupo ou no encontro com o outro (sentimentos, sensações e percepções presentes); 4) solicitar que fale diretamente com a pessoa a quem se dirige; 5) escutar a experiência do(s) outro(s) sem tecer interpretações e relações causais; 6) fazer afirmações no lugar de perguntas; e 7) respeitar o espaço psicológico do(s) outro(s) (p. 186).

Tais atitudes são motes para a compreensão de uma comunicação dialógica proposta por Freire (1971), ao afirmar que, para haver comunicação, é necessário reciprocidade, não passividade entre ambos, e o diálogo como aquilo que caracteriza a comunicação. Lima (2001, p. 1) explica tal conceito:

Freire recorre à raiz semântica da palavra comunicação e nela inclui a dimensão política da igualdade, a ausência de dominação. Para ele, comunicação implica um diálogo entre sujeitos mediados pelo objeto de conhecimento que por sua vez decorre da experiência e do trabalho cotidiano. Ao restringir a comunicação a uma relação entre sujeitos, necessariamente iguais, toda “relação de poder” fica excluída. O próprio conhecimento gerado pelo diálogo comunicativo só será verdadeiro e autêntico quando comprometido com a justiça e a transformação social. A comunicação passa a ser, portanto, por definição, dialógica, vale dizer, de “mão dupla”, contemplando, ao mesmo tempo, o direito de ser informado e o direito à plena liberdade de expressão.

A premissa da comunicação dialógica proposta integra os conceitos apresentados ao longo deste capítulo. As reflexões de gênero e a fundamentação proposta pela Gestalt-terapia, que debatem a necessidade de as relações serem vivenciadas a partir de uma supressão de práticas de dominação e poder entre os pares.

São comuns as queixas que envolvem a inabilidade dos casais em lidar com as expectativas e o desejo de que um dos pares aja de acordo com o que esperam a partir de sua experiência pessoal. Geralmente, observa-se que os conflitos conjugais acontecem pela ausência do diálogo e o que os modos diferentes de existir, não respeitando a forma de expressão de cada um, dificultam a convivência entre ambos.

Shotter (2017) revela que, na ausência de momentos compartilhados em uma situação específica, não se pode esperar que haja uma compreensão mútua e precisa do que está sendo comunicado. Aponta que o compartilhamento vivenciado na comunicação proporciona a sensação “terreno comum” entre os sujeitos.

O reconhecimento da pessoa como um sujeito de direitos e com necessidades individuais é fundamental para a ampliação e construção de relações conjugais que incluam o cuidado, o afeto, a escuta e, conseqüentemente, uma melhora na comunicação. Freire (1971) revela a reciprocidade como forma de promover uma comunicação onde não haja passividade entre ambos, nem relações de poder, configurando-se como uma comunicação

pautada na horizontalidade entre aqueles que se comunicam.

Desse modo, a comunicação dialógica rompe com o entendimento de que a comunicação é apenas oral e se dá como um processo de transmissão de informação. Comunicar-se dialogicamente é incluir a espontaneidade, a vivacidade, a bi-direcionalidade e a percepção ativa do modo como meu corpo reage a interação com o outro (SHOTTER, 2017).

Tal proposição está em consonância com a perspectiva de Zinker (2001), ao reconhecer que as pessoas conseguem comunicar melhor o que sentem quando confiam na maneira como o outro irá receber o que será dito. A fala autêntica pode gerar maior intimidade entre o casal, em virtude de expressar as necessidades mais íntimas acerca do relacionamento. Assim, a partir de uma postura dialógica e das atitudes fundamentais do Gestalt-terapeuta, possibilita-se ao casal que vivencie novas formas de interação individualmente, com o outro e com o mundo, de forma a criar um ajustamento criativo saudável diante das situações vivenciadas e a ética do cuidado ao outro, criando vínculos entre si, sentimentos de solidariedade, a homeostase para ambos e gerando implicações no contexto social.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões debatidas ao longo deste capítulo apontam que as relações são marcadas pelos processos culturais, intersubjetivos e subjetivos; tais estão relacionados ao modo como a dinâmica conjugal se estabelece e, conseqüentemente, a possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar a conjugalidade.

Partindo desse contexto, visualiza-se que potencialidades e novas possibilidades se abrem para os relacionamentos, em geral, oportunizando o nascimento da autenticidade dos vínculos e da verdadeira parceria humana. Pode-se afirmar que, no casamento, mesmo com um nível alto de investimento, no qual o casal ainda busca a satisfação afetiva, sexual e emocional, o contrato pela tradição vem perdendo espaço, dando lugar a um contrato pela via do desejo de estar junto com o outro, no qual o afeto toma lugar. Portanto, colaborando com a emergência de elementos como o amor, a confiança, o diálogo e a escuta, e, conseqüentemente, uma interação dentro das relações de intimidade.

Conflitos e tensões podem ser vistos como chances para a mudança, pois evidenciam que algo não se ajusta, está fora da ordem, transborda os modelos. Diante disso, favorecer a comunicação dialógica entre os casais através de uma intervenção clínica gestáltica, podendo suscitar o contato com percepções e sentimentos associados ao grau de reconhecimento da responsabilidade pessoal e da díade pela dinâmica do casal.

Assim, ampliar a consciência de homens e mulheres, tanto na pesquisa como na clínica, não os vendo de maneira engessada ou fixada, suscitando-os a se perceberem fora desses papéis, conscientes do discurso cultural dominante e incluindo a atualização de tal

narrativa, contribui para os empoderar e para que assumam a responsabilidade por suas escolhas (PONDAAG, 2009).

Considero que a comunicação dialógica é uma das estratégias fundamentais para o alcance de interações mais horizontais dentro da conjugalidade, visto que a reciprocidade, a alteridade e o cuidado integram esse modo de dialogar e promove a aproximação entre os pares, abrindo espaço para a criação de um sentimento de confiança e parceria entre o casal.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B.; CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas?: apontamentos a partir de J. P. Sartre e M. Merleau-Ponty. *In*: ALVIM, M. B. (Org.). **Clínica de situações contemporâneas**: fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 15-47.
- BRAZ, M. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre saúde do homem: reflexão sobre justiça distributiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-104, jan./mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a10v10n1.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez, 1981.
- CARDELLA, B. P. **Laços e nós**: o amor e intimidade nas relações humanas. São Paulo: Ágora, 2009.
- CARDELLA, B. P. Subjetividade e cuidado em Gestalt-terapia. *In*: NELY, A. G.; FARIA, N. J. (Org.). **Psicologia e saúde**: reflexões humanistas. Campinas: Alínea, 2014. p. 73-93.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- DINIZ, N. O. Psicoterapia de casal: uma revisão sobre a eficácia e a eficiência terapêuticas. *In*: FÉRES-CARNEIRO (org.). **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 181-204.
- D'NICAIO, M. A. **Sentimentos modernos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- FALCETO, G. R; VALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. *In*: EIZIRIK, C. L. *et al.* **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 77-94.
- FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Reflexão e Crítica**, n. 15, p. 379-394, 1998.
- FÉRES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. L.; MAGALHÃES, A. S. Família e casal: da tradição à modernidade. *In*: CERVERY, O. M. C. (Org.). **Família em movimento**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 23-35.
- FRAZÃO, L. M.; ROCHA, S. L. C. O. **Gestalt e gênero**: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade. Campinas: Livro Pleno, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Prefácio de Jacques Chonchol. Trad.: Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GHILARD-LUCENA, M. I. Discurso e gênero: uma questão de identidade. *In*: GHILARDI-LUCENA, M. I.; OLIVEIRA, F. (Org.). **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Alínea, 2008. p. 13-20.

GOODRICH, T. J. *et al.* **Terapia feminista da família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 75, p. 4-37, 2004. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/2004-2/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

HEILBORN, M. L.; CARRARA, S. Dossiê Masculinidade: em cena, os homens... **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 270-421, 1998.

HOLANDA, A. F. Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos. *In*: HOLANDA, A. **O campo das psicoterapias**: reflexões atuais. Curitiba: Juruá, 2012. p. 71-100.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLANDA, H. B. (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, P. A criatividade na Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 85-95, jan./jul. 2009.

LIMA, V. A. **Mídia, teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. **IGT na Rede**, v. 6, n. 10, p. 2-13, 2009. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewissue.php?id=10>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MELLO, L. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MESQUITA, G. R. O aqui-e-agora na Gestalt-terapia: um diálogo com a sociologia da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 59-67, jan./jun. 2011.

MONTEIRO, C.; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. **Revista Feminismos**, v. 2, n. 3, p. 36-44, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NASCIMENTO, L. C. S.; VALE, K. S. Reflexões acerca do fazer ético na clínica gestáltica: um estudo exploratório. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 157-166, dez. 2013.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.

PASSOS, I. C. F. **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt therapy**: excitement and growth in the human personality. Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press, 1951.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Trad.: Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, A. *et al.* Para além do claustro. *In*: PIMENTEL, A. *et al.* **Itinerários de pesquisas em psicologia**. Belém, PA: Amazônia Editora, 2010. p. 57-97.

PIMENTEL, A. **Violência psicológica conjugal**: pesquisa e intervenção. São Paulo: Summus, 2011.

PINTO, E. B. **Psicoterapia de curta duração na abordagem Gestáltica**: elementos para a prática clínica. São Paulo: Summus, 2009.

PONDAAG, M. C. M. **Sentidos da violência conjugal**: a perspectiva de casais. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia**: teorias e técnicas psicoterápicas. São Paulo: Summus, 2013.

RIBEIRO, J. P. **Vade-Mecum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

ROBINE, J. M. Mudança social começa a dois e implicações sociais da Gestalt-terapia. *In*: ALVIM, M. B. (Org.). **Clínica de situações contemporâneas**: fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 115-134.

ROBINE, J. M. **O self desdobrado**: perspectiva de campo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2006.

ROCHA, S. L. C. O. Gestalt e relações de gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e mulher hoje. *In*: FRAZÃO, L. M.; ROCHA, S. L. C. O. **Gestalt e gênero**: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade. Campinas: Livro Pleno, 2005. p. 205-243.

SHOTTER, J. Momentos de referência comum na comunicação dialógica: uma base para colaboração clara em contextos únicos. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 9-20, abr. 2017.

SILVEIRA, T. M. Caminhando na corda bamba: Gestalt-terapia de casal e de família. **Revista IGT na Rede**, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2005. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewissue.php?id=4>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SILVEIRA, T. M. **A construção criativa na vida do casal**: limites e possibilidades do casamento contemporâneo. 1998. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SILVEIRA, T. M. O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do “eu” e os limites do “nós”. **IGT na Rede**, v. 4, n. 7, p. 199-207, 2007. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewissue.php?id=7>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVEIRA, T. M. Terapia de casal e família uma visão de campo. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p.140-167.

STOLLER, R. **Sex and gender**: the development of masculinity and femininity. New York: Science House, 1968.

TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos**: uma perspectiva sistêmica. São Paulo, Summus, 1984.

TRIGO, M. H. B. Amor e casamento no século XX. *In*: D'INCAO, M. A. (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-93.

VALE, K. S. **A relação conjugal em debate**: uma análise gestáltica. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2011.

VALE, K. S. **Psicoterapia gestáltica de grupo com casais em situação de violência conjugal**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2018.

VALE, K. S.; PIMENTEL, A. Conjugalidades contemporâneas e a dificuldade em estabelecer vínculos. *In*: PIMENTEL, A. (Org.). **Gestaltens**: pesquisas em educação, saúde e violências. Belém, PA: Amazônia Editora, 2012. p. 147-166.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica em casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

ZINKER, J. C. **O processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

